

# A FANTÁSTICA FÁBRICA

Leo Felipe

Ilustrações de Diego Medina

*Para os contracultos – os adeptos da contracultura – mitos são tão importantes quanto os fatos. O livro que você tem em mãos contribui para a mitificação de um acontecimento: a história de um determinado bar/casa de shows que existiu na Porto Alegre dos anos 1990. Esta narrativa começou a ser escrita em 2004 e, após uma longa pausa, foi finalizada em 2008, quando passei a publicar o texto num blog (ele ainda está lá, em algum limbo da internet) e a participar do programa Talk Radio, apresentado por Kátia Suman, na rádio Ipanema FM. A cada sexta-feira, por volta das 13h, entrava ao vivo, por telefone, lendo trechos dos capítulos que depois subiriam para a rede. Essa experiência folhetinesca pós-moderna que consistia na leitura semanal dos textos, postagem dos capítulos e então diálogo com os leitores/ouvintes, através de comentários no blog, foi pra mim uma interessante vivência coletiva da literatura.*

*Fui meu próprio editor e pouco alterei o texto original que começou a ser produzido há dez anos e trata de supostos acontecimentos ocorridos há vinte, uma época em que as tecnologias disponíveis eram muito diferentes – como você irá notar sempre que um personagem usar uma ficha telefônica ou se referir a uma fita vhs.*

*Agradeço aos amigos Alessandra Marder, Gustavo Spolidoro e André Czarnobai que emprestaram suas vozes para esta narrativa; ao Daniel Galera que conseguiu colocar em seu prefácio toda a emoção que falta no meu texto; e ao Diego Medina, cujo traço lísergico acrescentou mais uma camada de sentido (ou falta de) nessa história muito louca; ao Vitor Mesquita, por ter insistido mais uma vez; ao Onir de Araújo, pelo empréstimo do refúgio em São José dos Ausentes, onde terminei os últimos capítulos; e à Fernanda Médici por um dia ter me feito prometer que iria escrever essa história. Agradeço à Garcinha (Marcela Leal) por tanto amor.*

*Este livro é dedicado ao meu amigo Ricardo, parceiro na aventura.*

*Abril de 2014.*

*O Garagem era  
a Fantástica Fábrica de  
Chocolate das drogas.*  
Ricardo K.

# O MELHOR BAR QUE MUITA GENTE JÁ VIU

por Daniel Galera

Vou contar para vocês (desculpem o uso eventual da primeira pessoa nesse prefácio, mas é impossível falar do Garagem sem entrar no terreno fértil e úmido da egotrip) meu momento mais marcante no Garagem Hermética, um momento que ainda hoje me vem à cabeça aparentemente sem motivo, como vêm à cabeça as coisas que importam.

Era uma noite de quarta-feira de algum momento do ano de 1999, o maior ano da vida de quase todo mundo que conheço. Fazia frio. Chovia. Eu e a Gaby (amiga) saímos bebaços de algum bar infecto da Cidade Baixa às 2h30 da manhã e por algum motivo (idade) decidimos que ainda não era suficiente e que, portanto, se fazia necessário ir ao Garagem. Era tarde, a noite era sombria, tinha aula cedo na Fabico na manhã seguinte, e não fazíamos a menor ideia do que estava rolando no bar, mas fomos. Pagamos alguma quantia irrisória para entrar e encontramos o interior do velho e combalido sobrado ocupado por oito ou dez mortos-vivos. Estava tocando uma banda cover de Smiths. Acho que era uma banda de Erechim. A gente se

atirou no clássico “sofá do Garagem” e ficou ali escutando os covers alucinados e bebendo Polar quente até, sei lá, umas 4h da manhã.

É só isso. Apesar de todas as coisas insanas e extremas que aconteceram naquele lugar, apesar dos Bailões do COL, dos Cinemeandos e dos shows antológicos das mais perversas bandinhas do underground gaúcho, é dessa noite que melhor me recordo. Se soou sem graça, é porque o leitor não tem coração e nunca pisou no chamado Antigo Garagem Hermética. Porque essa noite representa o que o Garagem representou para a minha geração e para as duas ou três gerações de chinelos que me precederam em Porto Alegre: era uma sala de estar que nos recebia noite adentro e madrugada afora. Às vezes, fazendo cara feia, às vezes só na obrigação, mas nos recebia. (Percebam que uma definição de “lar” não seria muito diferente.) Uma espécie de casa para onde se ia não apenas na esperança de viver experiências limítrofes, terminar a noite “indo pra casa” de alguém, injetar rock e super-8 no pescoço e extravasar nossa alegria e desespero, mas para simplesmente estar. Era barato, era imprevisível e nos fazia sentir, mesmo nas noites mais geladas e fracassadas, que a vida estava acontecendo e que valia a pena.

Conheci apenas a última das muitas fases pelas quais o Garagem passou desde o início dos anos noventa até o glorioso ano de 2001, fases que estão narradas com vivacidade, humor e fúria neste livro. Na verdade, não entendo muito bem por que o Leo me convidou para escrever este prefácio, uma vez que minha figuração na história do Garagem Hermética só começa um pouco antes do capítulo 25 deste livro, em que fica claro que o papel da minha patota era o de ser a nova geração de jovens irritantes e empolgados que cumpriria o papel de atrasar um pouco mais a derrocada do bar. Nunca me alinhei muito bem à “vibe” predominante na-

queles corredores. Drogas de qualquer tipo (menos álcool) e estilo de vida rock n´ roll me aborrecem. Talvez o fator “escritorzinho famoso” desempenhe algum papel aqui.

Espero que sim, porque existe não apenas certa justiça poética nisso, mas também, sobretudo, a comovente constatação de que a passagem do tempo (o tempo não existe, mas suspendamos esse fato para fins de argumentação e efeito emotivo) diluiu aquela fronteira que me fazia enxergar o Leo e o Ricardo como aqueles caras mais velhos, os donos do Garagem, e que nos colocava, eu e meus amigos, na categoria de jovens alienígenas aos olhos deles. Hoje em dia, vou beber em certos lugares e sei exatamente como eles nos viam nos idos de 1999-2001. Tenho a idade para entender. E quando converso agora com o Leo tenho somente a sensação de que compartilhamos juntos algo importante em cima daquelas tábuas rangentes, daquele “piso que não ruía porque balançava” (em retrospecto quase tudo parece guardar alguma espécie de lição). Eu me compadeço dele por ter aguentado aquela piazada dançando Placebo e pogando ao som de Nirvana na pista de dança do bar dele. Mas a gente lotava aquela joça, bebia pra caralho e amava aquele lugar. Ficamos tristes, muito tristes, quando acabou.

Li fragmentos de *A Fantástica Fábrica* no blog em que o Leo foi publicando aos poucos o rascunho do texto que se tornaria este livro. Desde o começo, apreciei o tom honesto e despudorado que ele adotou, a precisão das descrições e a sábia decisão (se é que foi uma decisão) de não romantizar os episódios isolados ou a história do Garagem Hermética como um todo. Quando tive a oportunidade de ler o original inteiro, fiquei encantado com a riqueza de detalhes, com as cenas sórdidas e pitorescas recriadas sem alarde e com a lucidez das breves reflexões mais pessoais

que pontuam a narrativa. Não há um traço sequer de nostalgia barata, idealismo, autoindulgência, deslumbramento, acertos de contas. O Leo sabia que a história era boa e soube moldar seu texto de acordo. Ficamos conhecendo os sonhos e as motivações dos donos, as brigas, a tremenda bronca que era manter a espelunca funcionando, os cercos policiais, as retaliações da vizinhança, as recompensas, as barras-pesadas, os frequentadores bizarros, as figurações, os traficantezinhos que foram tomando conta, os antológicos porteiros e a fauna que dava vida a todas aquelas festas memoráveis. O resultado é envolvente, por vezes hilário e incômodo, e saudavelmente mundano.

Eis algo que aconteceu. Foi bem assim. Um bar inventado por dois malucos que eram “punks e não sabiam” para ser “o nosso próprio bar na falta de outro melhor” e que se tornou o melhor bar que muita gente já viu. Uma história que marcou centenas de vidas, algumas gerações e uma cidade que nunca tinha visto um lugar parecido e continua órfã dele.

Para os leitores da minha geração de frequentadores do Garagem, a leitura de *A Fantástica Fábrica* será um exercício de nostalgia de trás-para-frente. Conhecer o passado do bar gera uma estranha sensação de desbravar um futuro flutuante no tempo, uma história que muitos viveram diretamente e que nos é dada conhecer somente através da narrativa póstuma. Para os veteranos do Garagem que começaram lá no início da década de noventa, suponho que será uma leitura marcada por altas doses de nostalgia pura e simples e também um pouco de melancolia, aqui entendida como aquela tristeza boa ensejada pela noção de que tudo é incrível e transitório. E para quem não conheceu o Antigo Garagem, o Velho Garagem, o Garagem Clássico, talvez tudo isso soe como ficção. Porque parece mesmo. Ficção das boas.

Parte I  
**EARLY DAYS**

1. Ab ovo // 12
2. A casa assassinada // 20
3. A primeira noite do resto  
de nossos dias // 30
4. Ah, cês querem roque? // 44
5. Banda desenhada // 60
6. Um corpo que cai // 68

Parte II  
**HARD TIMES**

7. Pega ladrão! // 76
8. Up against the wall // 86
9. Rock fight // 102
10. Mafaldita // 112
11. Caixa acústica // 120
12. Noite vazia // 128
13. Cocaína dez real ou  
Não basta descer até  
o fundo do poço,  
tem que cavoucar // 134
14. Edu K pernetta // 150



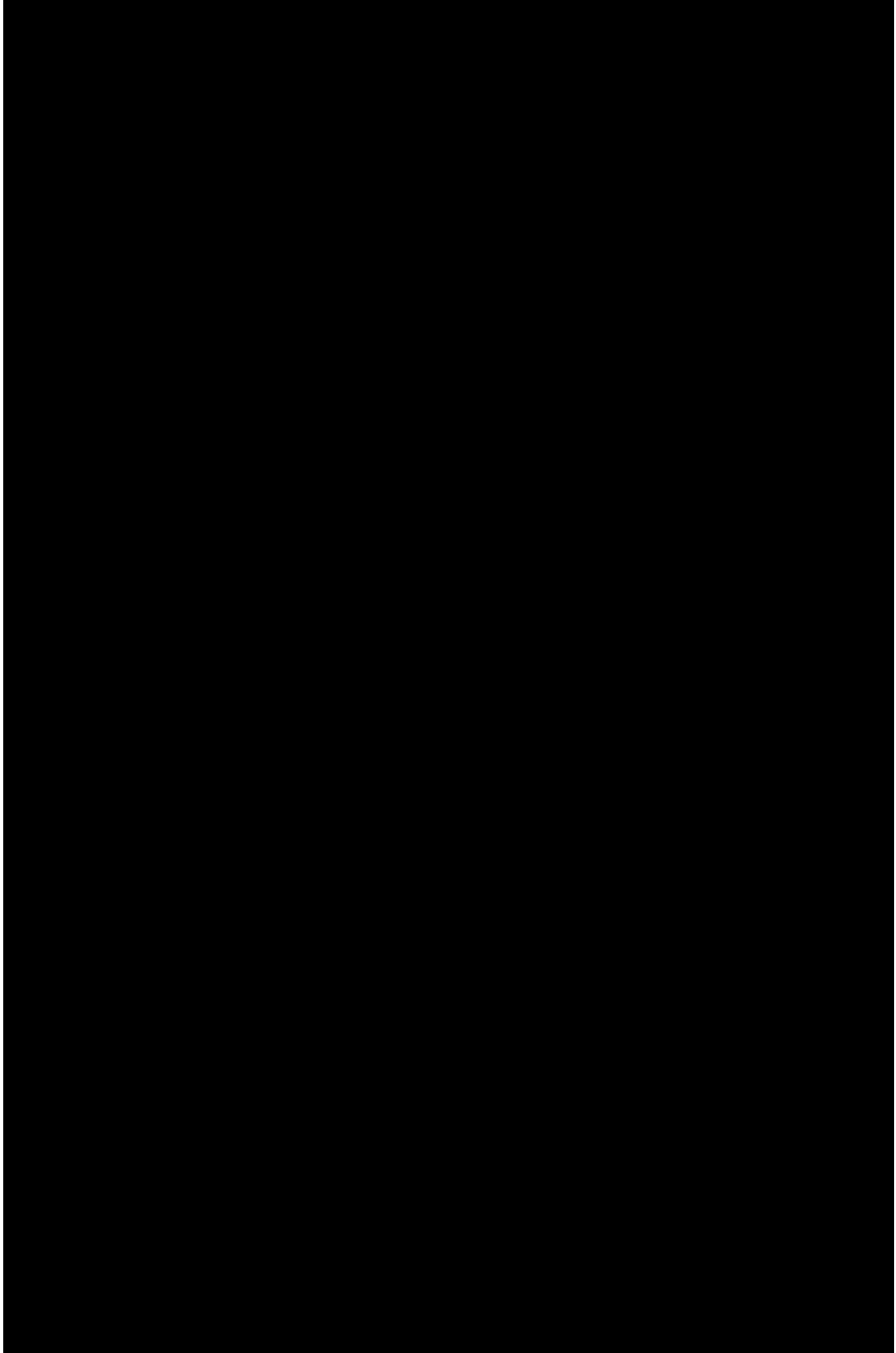
Parte III  
**RENASCENÇA**

- 15. Sushi!? // 160
- 16. Ceva uruguaia // 168
- 17. My own private  
Summer of Love ou  
As sobrinhas do Juca // 176
- 18. Rock pauleira // 190
- 19. Electronica ou  
Flashpower no paraíso // 198
- 20. Cinemeando // 206
- 21. Mais um corpo que cai // 212

PARTE IV  
**FINALE**

- 22. A noite  
das garrafadas // 218
- 23. Seu Antônio // 226
- 24. Os porteiros  
da percepção // 234
- 25. Bailão dos jovens // 246
- 26. Last days // 254
- 27. A última noite // 266

Parte I  
**Early Days**







1.

## AB OVO

Começa pelo começo.

Digo porque poderia começar pelo meio. O narrador-protagonista em plena festa, bar apinhado de malucos, luz estroboscópica piscando, som a milhão e a história sendo contada em idas e vindas através do tempo.

Ou pelo fim. Tudo acabado, bar vendido e um longo flashback em preto e branco ou a história em retrocesso, projetada de trás pra frente como num filme surrealista.

Mas não. Começa pelo começo.

Minto. Antes: pré-ovo, pré-gestação, namoro, paquera. E então pedido, proposta, proposição, propositura.

E depois de desvirginado foi foda.



Eu era um bancário infeliz com uma bela coleção de discos e o cabelo comprido emplastado de gel e penteado pra trás (não podia usar cabelo comprido no banco, então eu disfarçava). Nas horas vagas, fumava uns baseados, lia, saía à noite, fumava uns baseados, ia ao cinema, fumava uns baseados, escutava música, fumava uns baseados e, dentre outras atividades culturais e mais uns baseados, atacava de produtor (leia-se que eu escrevia e entregava os releases, colava cartazes, distribuía panfletos, carregava equipamentos e outras chatices mais) da banda do Ricardo, meu amigão.

Conheci o Ricardo numa viagem pro litoral, era feriado de Navegantes. Eu estava na saída da cidade com a Debbie, a minha namorada na época, pedindo carona pra praia quando ele passou no carro de uns amigos (dele) e ofereceu uma (carona). Ele já conhecia a Debbie de outros carnavais – Navegantes, no caso – nos viu na estrada, eu com cara de tédio e a Debbie com o dedo em riste, mochilas no chão do

acostamento, pediu pro cara que dirigia parar. Só tinha lugar pra mais um no carro, e a Debbie foi com eles. Consegui uma carona logo depois (na verdade, foi um semiconhecido que ia de ônibus, mas acabou descolando uma carona e me deu a passagem. Anos mais tarde, esse sujeito bateu na minha casa pra mendigar um baseado, e eu disse cai fora e ele me jogou na cara: aquela vez eu te dei uma passagem pra Capão, seu filha-da-puta-malagradecido!).

Seria um típico feriado adolescente. O apartamento de veraneio do meu avô estava liberado e eu tinha convidado uns amigos. O combinado era que todo mundo se encontraria na rodoviária de Capão da Canoa, cidade praiana das mais deprimentes dentre as deprimentes cidades praianas do litoral sul, mas, em se tratando de cidade com apartamento liberado longe dos cuidados e olhos dos pais, transformava-se no lugar perfeito prum bando de adolescentes sedentos por sexo, drogas e autodescobrimento autodescobrirem-se. Cheguei à rodoviária e o bando já me esperava. A Debbie me apresentou ao Ricardo e a outro cara que estava com eles, o dono do carro. Perguntou se não podiam ficar também no apê do meu avô.

No problem, I guess. Onde dormem cinco, dormem sete.

E foi assim que conheci o Ricardo. Ele fazia um curso de paraquedismo e tinha ido dar uns saltos em Capão, onde tinha um aeroclube. Um ruivo que saltava de paraquedas, meio superdotado, que trabalhava com computadores numa época em que pouca gente tinha computador e que seria o meu parceiro nos próximos dez anos na viagem fantástica que foi o Garage Hermética. Logo no primeiro dia eu já tinha simpatizado com o cara. Principalmente quando, no caminho pro apê, ele sugeriu, à vista de uma sapataria, que comprássemos uma latinha de cola pra cheirar à noite. Pra um jovem toxicômano como eu, nada poderia parecer mais simpático.

O feriado transcorreu como deve transcorrer um feriado adolescente longe dos pais: vômitos, gritarias, desmaios, comas alcoólicos, queimação de filme com os vizinhos e, num paroxismo de demência suicida inspirada pelo efeito dos inalantes, a tentativa de me atirar nu pela sacada do apartamento. A viagem também foi muito marcante pro Ricardo e pro amigo dele, porque uma menina morreu durante um salto no aeroclube. Tinha muito vento e ela não conseguiu operar direito o paraquedas. Acabou caindo sobre os fios de um poste de luz e foi eletrocutada. Acho que os dois nunca mais saltaram depois disso.

De volta à cidade, passei a encontrar o Ricardo regularmente. Ele frequentava os mesmos lugares que eu: o Lola, o Fim de Século, o Ocidente, a Lancheria. Além disso, ele tinha uns óculos escuros descolados, uma câmera fotográfica e ainda tocava guitarra, que pra mim era o mais legal. O fato era que eu queria desesperadamente me infiltrar no maravilhoso mundo do ronquenrol e, a despeito do primeiro convite ter sido pra ser o produtor e não vocalista da banda do Ricardo, não pude recusá-lo. Eu não tocava nada mesmo. Não me restavam muitas opções. A banda chamava Brigitte Bardot, além dele na guitarra (purple, bizarra, réplica de uma guitarra do Prince que já tinha sido do Edu K na fase em que ele imitava o Prince), tinha um tecladista, um vocalista (que eu achava péssimo, por óbvias razões), uns irmãos muito estranhos da Restinga, fissurados em Alice in Chains e Soundgarden, sempre de camisa de flanela, que tocavam baixo e guitarra, e o Marcos. O Marcos tocava batera e era colega de trabalho do Ricardo numa empresa que produzia óleo de soja. Um cara mais velho de uns 24 anos, idade que eu – no esplendor dos meus teens – achava o cúmulo da velhice.

A sede da empresa de óleo de soja ficava no centro, pertinho do banco onde eu trabalhava. Depois do expediente,



o Ricardo sempre aparecia e a gente pegava um filme no Ponto de Cinema, uma sala bacana que pegou fogo depois, mas que, na época, final dos anos 80/início dos 90, só passava uns filmes cult tipo mostra expressionismo alemão ou ciclo Jim Jamursh ou retrospectiva Wim Wenders ou festival Hitchcock. Era fatal: seis e cinquenta e poucos chegava o Ricardo enquanto eu passava as últimas mensagens na minha tão ruidosa quanto anacrônica máquina de telex, aberração mecânica que eu operava com perícia e destreza, diariamente das 13h às 19h, repassando contratos, minutas e demais requerimentos, sentado de frente pruma janela que dava pra parede do edifício do lado e pensando que era bem melhor quando eu era boy que pelo menos eu dava umas voltas. O Ricardo chegava e a gente fechava os baseados que ia fumar antes do cinema. O crime era cometido atrás da Santa Casa, onde hoje tem um complexo hospitalar novo, supermoderno, só pra clientes particulares ou com plano de saúde. Antes, o terreno era só um estacionamento pros professores e alunos da Faculdade de Medicina e um pico tranquilo pra se fumar um baseado antes do cinema.

Ou ele pintava no banco com o Marcos e a gente ia lá em casa ouvir um som e escrever os releases da banda – sempre cheios de muitos adjetivos e clichês medonhos como “riffs psicodélicos”, “grooves envenenados” e coisas do gênero. A gente também costumava almoçar em restaurantes de à la minuta do Centro e, um dia, num banco da Praça da Alfândega depois do rango, pegando um solzinho de inverno antes do trabalho, os dois me contam que vão largar os respectivos empregos e, com a grana da rescisão, abrir um bar, um velho sonho do Marcos. Tinham feito as contas, o dinheiro talvez fosse pouco, talvez precisassem de mais algum, mas foda-se, iriam arriscar do mesmo jeito. Chega de

ser empregado dos outros. Perguntaram se eu não queria ser sócio deles na empreitada.

Um bar diferente, cara, só com música legal. Um espaço pras bandas, onde os músicos vão ser tratados com respeito. A ceva e o ingresso por um preço acessível, dizia o Marcos.

E certamente vamos ganhar dinheiro, o Ricardo.

Pra ganhar aquele dinheiro eles só precisavam de algum dinheiro e da disposição de chutar o balde. Se o que tinham em termos de grana era pouco, a disposição pro chute compensava. De óleo de soja, os caras já estavam de saco cheio. Assim como eu também não aguentava mais as minutadas, os contratos, o cabelo emplastado de gel, a máquina de telex, a parede do prédio do lado. Eu queria ser um astro de rock ou pintor famoso ou poeta maldito ou qualquer coisa bem artística rebelde experimental, tipo morrer jovem e belo. Um emprego num banco não ajudava muito nas minhas ambições. Eu via o taxímetro da minha vida girar enlouquecido enquanto mofava dentro daquela agência escrota. Nunca tinha pensado em ter um bar, só pensava em ir a bares, mas, por um instante, a ideia me pareceu interessante. Talvez ter um bar fosse artístico. A história estava cheia de bares legais: o Cabaret Voltaire, em Zurique; o Whiskey a Go-Go, em Los Angeles; o Hacienda, em Manchester, o Rick's, em Casablanca, o Studio 54 e o CBGB, em NYC. Tá certo que aqui era apenas Porto Alegre, mas a gente faz o que pode.







BURO  
CRACIA

A.

B.

C.

20 AL CASAS SIN

SEM CHORO

## 2.

### A CASA ASSASSINADA

A família não recebeu muito bem a notícia. Mas como o pai morava longe e não lhe cabia o direito de opinar, família mesmo era só o vô e a mãe – que choramingava, reclamava, advertia, mas, no fim, influía pouco nas decisões:

Mas como tu vai largar o emprego no banco pra... pra... pra abrir um bar?

Emprego tá tão difícil hoje em dia.

O que o teu vô vai pensar?

Vendo que suas admoestações não levariam a lugar nenhum, ela achou melhor dizer pro vô que eu tinha sido demitido do banco. Minha mãe sempre foi uma mentirosa compulsiva e era um saco porque ela passava todo o tempo na iminência de ser desmascarada. Quando aplicou a lorota no velho, ele ficou indignado e cogitou ligar pro seu Gonçalves, um gerente do banco que ele conhecia, pra saber porque tinham demitido o seu querido neto. Meu vô fazia um tipo Don Corleone, um careca temperamental, muito bem-humorado num extremo e altamente severo no outro, de uma rigidez de caráter exemplar, mas muitas vezes cabeça-dura, reacionário e impiedoso e, quando contrariado, dado a rompantes de fúria em que esculhambava, pra usar uma expressão muito sua, quem quer que ousasse contestar suas determinações. Nunca aprovou a ideia do bar, sempre detestou o Ricardo, mas foi figura fundamental na história do Garagem: anos mais tarde, eu iria recorrer a ele prum empréstimo (nunca pago, forçoso lembrar) que seria empregado na primeira grande reforma feita na velha casa do número 386 da Barros Cassal e que nos salvaria da primeira das muitas crises que enfrentaríamos.

No banco, a recepção também não foi das mais positivas. Não vai durar seis meses.

Dizia o Bernoto, um colono pelego que chefiava o setor de cobrança, pra Ester, secretária do diretor regional, uma morena peituda que dava pra chefia inteira.

Desiste disso, meu filho, já vi tanta gente largar emprego pra abrir locadora, farmácia, padaria, restaurante. Sempre se arrependem.

Dizia seu Itamar, um negão manhoso e malandro, subdiretor-geral, que tinha as gavetas da escrivaninha cheias de revistinhas pornô e, nos intervalos e horas do almoço, comia as meninas da limpeza na salinha do ar-condicionado que ficava no quarto andar, ao lado do almoxarifado.

Mas nada poderia me impedir. Fiz um acordo com o banco, que me demitiria sem justa causa, estando eu comprometido a não entrar na justiça trabalhista pelas inúmeras horas extras não remuneradas e série de outras irregularidades a que me submetera nos últimos três anos. Lembro do dia em que fui ao sindicato assinar a rescisão do contrato, tive uma diarreia horrível. Seria cagaço ou uma imagem metafórica da minha posição em relação aos conselhos dos meus colegas de banco e ao banco propriamente dito? Eu cagava e andava pra aquela porra de instituição, mesmo assim iria cumprir a minha parte do acordo, afinal, por mais filhas-da-puta que fossem os diretores, chefes, subchefes, secretárias e todo o ambiente de trabalho em geral, eu era um cara de palavra.

A grana viria em três parcelas. Fundo de garantia, salário desemprego e não-sei-mais-o-quê. Daria pra aplicar no bar e ainda segurar a onda por um tempinho até que o negócio engrenasse. O mais importante era achar um ponto pra dar início ao trabalho, mas justamente aí estava a maior das dificuldades: nenhuma imobiliária queria alugar uma casa pra gente. Em geral imobiliárias veem com desconfiança locatários que almejam abrir bares noturnos em seus imóveis. Al-

guns anúncios já vinham com instruções precisas quanto a este tipo de locação. “Menos para saunas e bares noturnos”. O problema se agravava quando os locatários eram três jovens entre 18 e 24 anos de idade com aspecto de roqueiros. Intenções e aparência nada confiáveis segundo os preceitos do ramo imobiliário. Era um saco. Muitas vezes, a negativa vinha de cara.

O imóvel já foi locado, dizia a moça no guichê de informações.

Em outras, quando pensávamos que tínhamos a casa pra nós – toda a papelada na mão, assinaturas dos fiadores, contrato social da empresa, documentos do locatário – a negativa vinha sorrateira, lá no finalzinho, no último minuto, faltando a última rubrica.

O proprietário não está mais interessado.

Numa dessas ocasiões, não pude conter a fúria impulsiva-hormonal própria da idade, diante da cara de pau da mulher ao dizer que a casa na Ramiro quase Independência que a gente namorava havia 15 dias e que finalmente iríamos alugar (eu, nervoso, com o cabelo emplastado de gel como nos dias do banco, bleiser de lã, segurando uma pasta cheia de cópias autenticadas, certidões, segundas vias, firmas reconhecidas e todas essas pequenas coisas que só fazem atordoar o espírito das pessoas sensíveis, suando frio, taquicardia, louco pra sair dali correndo e fumar um, mas pensando é agora, é agora, é agora...) não estava mais à disposição, pois o proprietário tinha decidido alugá-la a um parente próximo, primo (!), creio. Minha única reação foi fungar como quem engole seco, mas, em vez de engolir seco, cuspir bem molhado todo o catarro na mesa da tal da mulher, uma agente imobiliária gorda e loira, de idade indefinível pra mim (qualquer um acima dos trinta me parecia infinitamente velho). O frango veio acompanhado de um monte de palavrões, e ela nem teve tempo de reagir



enquanto eu voava da sala pronto pra jogar tudo pro espaço e pensando em que merda eu tinha me metido, mas lembrando da mãe e dos Bernotos e sub-Bernotos e gerentes e chefes e secretárias e até as meninas da limpeza:

Não vai dar certo.

Então tinha que dar. E eu segurei a onda e a papelada junto ao peito e saí correndo, pensando tem que dar.



Já estávamos desesperados. Mais de três meses procurando casa pra alugar e só porta na cara. Enquanto isso, o dinheiro da rescisão sendo gasto aos poucos. O Marcos tinha sido o primeiro a largar o emprego e conseqüentemente a grana dele ia acabando antes. A situação do Ricardo ainda era mais complicada. A firma de óleo de soja estava sacaneando com ele e não queria fazer acordo nenhum. Se ele quisesse dar o fora que pedisse a demissão, o que reduziria sua grana em quase 50%.

O desespero era tanto que chegamos a cogitar planos absurdos pra colocar nosso projeto em prática. Um deles foi o de abrir o bar nos fundos de outro bar. O Marcos tinha um cunhado que recém abrira um barzinho. Chamava-se Violeta (o barzinho, o cunhado eu não me lembro) e ficava lá pelos lados da 24 de Outubro, mesas e cadeiras de madeira e palhinha, paredes coloridas, música ambiente tipo muzak e uns vasinhos de violeta espalhados por todos os cantos, coisinha assim bem meiga. Era uma casa grande de um piso com garagem pra três carros no fundo, onde poderíamos montar o nosso bar. O problema era que, além da excessiva meiguice, a localização era péssima e as condições de trabalho propostas pelo cunhado do Marcos, insustentáveis, algo como ter que dar 20% do nosso lucro, ainda pagar todas as despesas e ter dias e horário de funcionamento regulados.

Podíamos ser jovens, mas não éramos burros. As tratativas não vingaram e o próprio Violeta durou pouco. Poucos meses após a nossa inauguração, o cunhado do Marcos tinha um bar falido, pilhas de contas a pagar e um monte de vasiinhos de violeta.

Graças também à situação desesperadora, já estávamos tentando alugar qualquer casa à disposição. Alguns desses imóveis não apresentavam as mínimas condições, mas, por pura falta de opção, somada à inexperiência e à ânsia de abrir logo o bar, a gente achava que poderiam servir. Fazíamos planos e projetos, desenhando mentalmente o palco, o balcão e a pista de dança conforme a casa que estivesse pra alugar. Casas imperfeitas, mas prováveis, diante da nossa miopia ansiosa. Por sorte, as imobiliárias que suspeitavam de nossas intenções e aparência nos impediam de alugá-las. Hoje, depois de todo o *know-how* (ou qualquer outra expressão que signifique aguentar por oito longos anos a encheção de saco que é ter um bar e, mais importante, não ir à falência nem ser preso, processado ou exposto à humilhação pública e, ainda!, faturar alguma grana depois de tudo isso vendendo o bar pra um incauto – sim, a expressão correta é mesmo *know how*), percebo que aquelas casas como bares eram mesmo imperfeitas, improváveis, impensáveis e impossíveis: pequenas demais e localizadas em vizinhanças-família. Vizinhanças-família são o Inimigo Número 1 dos bares. Nelas, não há bar que resista. Pensando bem, a mulher loira em cuja mesa eu havia escarrado tinha feito um favor em não nos alugar o imóvel. Não duraríamos seis meses naquela casa da Ramiro quase Independência, casinha pequena, velha e colada a um prédio superfamília.



Foi o Marcos quem descobriu o casarão da Barros Cassal. Encontrei a casa. Disse enquanto comíamos um à la minuta no Centro (alguns hábitos a gente custa a abandonar). Terminado o almoço passamos na imobiliária, pegamos a chave e fomos olhar a casa. Depois de tantas decepções, eu já andava incrédulo.

Abrimos o antigo portão de ferro trabalhado e subimos, o Marcos e eu, os degraus da escada lateral que levava à porta. Lá dentro, janelas cerradas, eletricidade cortada, tudo era muito escuro, um breu, mas chamou a atenção a altura do pé direito. Os janelões foram abertos e a luz invadiu a casa. Caminhamos pelos aposentos fazendo o habitual desenho mental do bar e percebi que tínhamos de fato encontrado o lugar certo. Corri pela casa gritando u-hu achamos! e, de repente, meu pé afundou no assoalho podre.

Mas vamos ter que trocar o piso, tá todo comido de cupim. Advertiu o Marcos, já fazendo os cálculos mentais de quanto gastaríamos na reforma.

Vai dar. Completou.

A casa era velha e desgastada, o aluguel, uma barbada, e o proprietário, o enigmático Dr. K, estava disposto a qualquer negócio para faturar mais algum naquele sobrado do início do século passado, caindo aos pedaços, que ele já alugava pra dois locatários. Uma lavanderia ocupava a parte térrea principal e um barbeiro, umas das salas da frente, o tradicional Salão Gomes, fazendo barba, cabelo e bigode de respeitosos cidadãos porto-alegrenses desde mil oitocentos e antigamente. O piso superior já tinha sido, dentre outras atividades, puteiro e pensão de moças, ferragem e casa de massagem, não necessariamente nessa ordem. Iniciava por um hall que levava a uma saleta com janela, à esquerda, e, mais adiante, a um grande salão com sacada pra rua e corredor na outra extremidade. Pelo corredor chegava-se a duas peças interligadas por uma